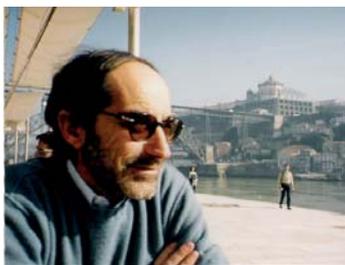




Com Navalhas e Navios



Fervilhou poesia em Ponta Delgada. Três dias: 10, 11 e 12 de Outubro! Tempo de memórias, encontros e conversas. Numa cidade de Poetas (não gosto da generalização para “Cidade DOS Poetas”). Com Antero à frente e seu rasto de luz imortal para as lusas letras; Castilho, Côrtes-Rodrigues, Natália, Teófilo de Braga, Urbano Bettencourt, Sidónio Bettencourt, Carlos Bessa, Virgílio Vieira, Virgínia Moreira e tantos outros aqui não nascidos, mas aqui inspirados e feitos poetas do mundo. Não sei de quem é este desabafo, mas adoro-o: “*Os poetas dominaram o tempo e transformaram-no em uma Catedral de Amizade*”.

De facto, o poeta domina o tempo. Em várias dimensões. Primeiro porque a poesia nasce sem tempo, antes do tempo e por cima do tempo. E é também abraço de infinito, porque a palavra do poeta não tem medida e bebe-se em sede que nunca se mata.

Gosto muito de poesia. Leio-a, devagar, espaçadamente e fico a cismar na capacidade de comunicar que um poema encerra. Como é possível que duas ou três linhas digam tanto como outras tantas páginas de prosa...

Agora tenho andado Com Navalhas e Navios. Urbano Bettencourt. Uma maravilhosa colectânea com chancela da Companhia das Ilhas Editora. Uma pequena amostra do muito que Urbano Bettencourt escreveu, mas que se apresenta como caminho aberto que nos dá uma clara ideia dos caminhos seguidos por esse marinheiro com residência fixa: Eis-nos assim marinheiros dentro da cidade / arrastando maresias como terramotos / em secretas viagens de circum-navegação.

Como o próprio escritor e poeta picoense disse, em entrevista ao jornal Diário dos Açores, “o título recupera e adapta a expressão colhida no poema «Pastagem com homens dentro», que pode passar como glosa, um pouco bruta e cruel, ao mais célebre poema de Pedro da Silveira; leva-nos por isso à Califórnia, mesmo que nalguns casos esta se manifeste apenas como objecto de desejos anavalhados,

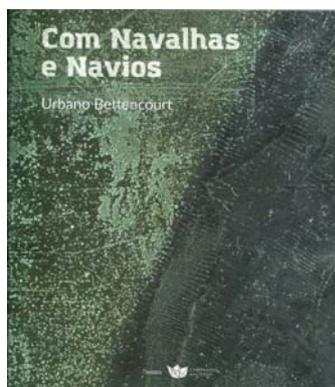


mas, numa perspectiva mais pacífica também pode trazer-nos de lá aquelas «navalhinhas» que vinham na bagagem dos regressados para presentear amigos mais próximos.

No contexto mais vasto do livro, é possível que as navalhas tenham passado já à categoria de «armas brancas», indissociáveis, portanto, da violência que em diversos momentos do livro acusa poeticamente”.

Desde os anos setenta que leio Urbano Bettencourt (ainda no tempo em que estudávamos em Angra) e sinto o amadurecer da palavra, como fruta do Pico basalticamente doce. Mas faltam-me sempre as palavras para sobre ele escrever porque me sobra a certeza da palidez do que possa dizer perante o negro telúrico da força que se desprende dos seus versos e das suas narrativas. Academicamente não tenho competência e estilisticamente mingua-me o fôlego para expressar sentimentos difíceis de partilhar.

A força que se desprende daquilo que Urbano escreve é também caminho feito na história pessoal e como tal continuamente evolutivo. E é o próprio quem no-lo diz: “O tempo faz-nos crescer e divergir, a nossa compreensão do mundo altera-se, a relação que mantemos com a linguagem torna-se mais aprofundada, mais exigente e também permeável ao contacto com a escrita do mundo – e essas coisas reflectem-se no modo como em cada momento olhamos para a nossa própria escrita e para aquilo que



pretendemos com ela.

Razões mais do que suficientes para excluir poemas iniciais, em relação aos quais me sinto desconfortável, incomodado mesmo com o seu excessivo voluntarismo, embora isso não me impeça de reconhecer que há um certo ponto de vista crítico e irónico que vem desde o início e que alguns temas se prolongam no tempo sob discursos diferenciados entre si”. (DA 14/9/19)

Este Com Navalhas e Navios não é, para mim, uma antologia de 50 anos de poesia e escrita de Urbano Bettencourt. É, sim, um belíssimo aperitivo a convidar a uma leitura atenta do muito que este escritor/poeta tem dado

à literatura e ao ensaio nos Açores. Atrevo-me a dizer mesmo que Urbano Bettencourt é dos maiores e melhores ensaístas dos Açores. Se não é muito extensa a sua obra poética, o mesmo não se pode dizer dos seus vastos estudos sobre a Literatura Açoriana e sobre poetas e escritores dos Açores, ainda recentemente com excepcional trabalho sobre Pedro da Silveira no “Fui ao Mar Buscar Laranjas”.

Como escreve Carlos Bessa no “cuidado e atento prefácio” (Urbano dixit), “os Açores compõem nesta poesia não só por via das vivências das gentes e do autor, como por um modo de estar. O de alguém que cedo aprende a lidar com os abalos e as intempéries, com os ventos fortes e os níveis altos de humidade, com as irregularidades dos terrenos e os diversos tipos de escassez e que, apesar de tantos contratempos, resiste e persiste e molda a terra e a paisagem” E Carlos Bessa exemplifica com estes versos: “Há um homem na vastidão / da pedra. / São do começo do mundo as mãos / que erguem muros, marroços / e sacrificam aos secretos deuses / da tenacidade”.

Verdadeiramente Pico, dentro de Urbano Bettencourt.

E como o destino quis que também eu tivesse sido um dos mobilizados para a Guiné-Bissau, tenho sempre comigo aquele África Frente e Verso, porque “Entre as balas e uma cerveja / o silêncio enchia-se de pragas, / a morfina descia nas seringas. / Um cão uivava no arame farpado, / deuses obscenos sentavam-se à beira dos mortos”.

A poesia bebe-se assim em cálice de passado que continua a ensombrar o presente de milhares que viveram os tempos de coroa, culatra, cunhete, / cabaço, catota / e outras que aqui teriam voz e praça / não fora o decore que o poema adopta.

Como já afirmei, gosto muito de poesia, mas sinto-me sempre e cada vez mais incapaz de traduzir por palavras aquilo que ela (e os poetas) me fazem sentir. O que eu acho é que todos devíamos ler poesia, porque é lendo poesia que se acorda o poeta que dorme dentro de cada um de nós. Estou mesmo cada vez mais convencido que poeta não é só quem escreve poesia, mas sim e também quem sente a poesia.

Por isso e à margem do III Encontro Internacional da Poesia, foi minha escolha para Leituras do Atlântico este Com Navalhas e Navios, num abraço ao Urbano Bettencourt, e à Companhia das Ilhas, por mais este contributo para as Letras e para a Alma Açoriana.

Santos Narciso